

Reação ensaiada

Sabendo de antemão dos números do IBGE, o governo já tinha pronta uma estratégia para minimizar o impacto negativo do crescimento de apenas 0,5% no PIB do 3º trimestre. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seus mais importantes ministros unificaram o discurso de que o importante agora é o desempenho nos próximos anos. Para eles, o último trimestre ajudará a fazer com que 2007 comece em ritmo mais acelerado.

Até mesmo um decepcionado ministro da Fazenda, Guido Mantega — que ainda dizia esperar uma expansão de 4% —, ressaltou o aumento dos investimentos e o crescimento da agricultura. “Essas são as boas notícias. A má é que a indústria não cresceu tanto quanto nós gostaríamos. Mas já temos informações seguras que a partir de outubro está havendo um aquecimento da economia de forma geral. Vamos passar de 2006 para 2007 com uma economia em aquecimento”, afirmou, ressaltando os futuros impactos da continuidade do processo de queda dos juros.

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, apostou que o Brasil começará 2007 com “tração e velocidade”. “Nosso objetivo é fazer com que a velocidade do crescimento em 2007 comece o 1º trimestre com aceleração”, afirmou. Paulo Bernardo (Planejamento) foi outro ministro a mirar 2007. “Gostaríamos que tivesse sido um resultado maior do PIB, mas isso já aconteceu e nós estamos discutindo o que vai acontecer no ano que vem”, disse. “As notícias que nós temos do 4º trimestre é de que está indo muito bem. Nós temos que tocar agora para ver o que vamos fazer daqui para frente.”

Na Nigéria, o presidente Lula também quis esquecer 2006 e ressaltou sua preocupação com o desempenho da economia nos próximos anos. “Estamos tomando todas as medidas para que o Brasil tenha um crescimento mais vigoroso, que possa atender rapidamente à necessidade de geração de emprego e de riqueza”, afirmou. Para isso, o governo aposta no pacote fiscal que está em gestação. O objetivo é elevar a taxa de crescimento para 5%, projeção considerada otimista demais para os analistas. (Marcelo Tokarski, Luís Osvaldo Grossmann e Edna Simão)